

“É SÓ MESMO PRA ALIVIAR, NÉ?”: A Saúde Prisional sob a Ótica de Idosos Encarcerados em Salvador/BA

Hosannah Pereira de Santana Filho¹
Luiz Claudio Lourenço²

RESUMO: O presente trabalho analisa os significados atribuídos por idosos encarcerados ao acesso à saúde na unidade prisional onde cumprem pena privativa de liberdade. Estudos sobre a saúde prisional demonstram que o cárcere, em regra, consiste em um ambiente insalubre e gerador de adoecimento. Diante disso e considerando o aumento considerável do número de idosos encarcerados no país, surge o interesse em compreender como essa população específica significa e avalia o acesso ao serviço de saúde em um estabelecimento prisional localizado em Salvador/BA. Para tanto, desenvolveu-se um estudo qualitativo que foi operacionalizado a partir da realização de observação direta e da aplicação de entrevistas semiestruturadas para 12 internos idosos. O tratamento dos dados coletados seguiu a estratégia da análise conteúdo categorial. Os resultados revelaram significados relativamente positivos sobre o serviço de saúde da unidade, fundamentados em experiências anteriores marcadas por privações e desassistências. Contudo, foram relatadas limitações no atendimento e na dispensação de medicamentos, que não contemplam as particularidades do envelhecimento. Conclui-se pela necessidade de políticas de saúde prisional que transcendam o atendimento básico, suprimindo as demandas específicas dos idosos encarcerados.

Palavras-chave: Saúde Prisional; Encarceramento de Idosos; Estudos Prisionais; Envelhecimento Humano.

ABSTRACT: This study analyzes the meanings attributed by incarcerated elderly individuals to healthcare access in the prison where they serve their sentences. Studies on prison health demonstrate that incarceration generally takes place in unhealthy environments that foster illness. Given this context and the considerable increase in the number of elderly inmates in the country, there is a growing interest in understanding how this specific population perceives and evaluates access to healthcare services in a prison facility located in Salvador, Brazil. A qualitative study was conducted using direct observation and semi-structured interviews with 12 elderly inmates. Data analysis followed a content analysis strategy. The findings revealed relatively positive perceptions of the prison's healthcare services, based on past experiences of deprivation and lack of assistance. However, limitations in care and medication provision were reported, as these fail to address the particularities of aging. The study concludes with the need for prison health policies that go beyond basic care, addressing the specific demands of incarcerated elderly individuals.

Keywords: Prison Healthcare; Elderly Incarceration; Carceral Studies; Human Aging.

INTRODUÇÃO

Dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais (BRASIL, 2024) apontam que, em 2024, o Brasil contava com 14.544 pessoas idosas encarceradas em estabelecimentos prisionais

¹ Doutorando e Mestre em Ciências Sociais (UFBA). E-mail: hosannahfilho@gmail.com

² Doutor em Ciência Política (IUPERJ), Docente do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFBA). E-mail: lulalourenco@gmail.com

(BRASIL, 2024). Entre 2005 e 2024, houve um aumento numérico de 1.350 para 14.544 idosos presos, um crescimento de aproximadamente 977% em 19 anos (BRASIL, 2022, 2024). O ambiente prisional brasileiro é marcado por incipiências como superlotação (BRASIL, 2023) e insalubridade (Minayo, et al., 2017). Assim, Ghiggi (2019) identificou que a ausência de políticas públicas penitenciárias específicas para idosos encarcerados pode potencializar vulnerabilidade dessa população. Nesse contexto, o presente estudo tem o objetivo central de compreender os significados presentes nas percepções de idosos encarcerados sobre o acesso à saúde na Penitenciária Lemos Brito – PLB, instituição destinada ao cumprimento de pena privativa de liberdade em regime fechado, localizada no município de Salvador/BA. Conseqüentemente, os objetivos específicos são compreender as condições de saúde dos interlocutores; entender quais as suas percepções sobre o serviço de saúde da PLB, incluindo o acesso às consultas com profissionais de saúde, à obtenção de medicamentos e ao apoio do setor psicossocial.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, desenvolvemos um estudo qualitativo, fundamentado na pesquisa de campo ocorrida, entre os meses de maio e setembro do ano de 2022, na penitenciária localizada em Salvador/BA. No que se refere a coleta de dados, realizamos observações diretas, as quais foram registradas em diário de campo. Somado a isso, empreendemos a aplicação de entrevistas semiestruturadas para 12 internos idosos, do sexo masculino, que aceitaram participar do estudo. Foram cumpridos todos os cuidados éticos atinentes às pesquisas em Ciências Sociais, ao passo que os nomes aqui atribuídos aos interlocutores se tratam de pseudônimos criados para proteger as respectivas identidades. O material colhido foi tratado a partir da estratégia da análise de conteúdo categorial (Bardin, 2011). Conseqüentemente, foram criadas 04 categorias analíticas, quais sejam: *doenças*, *consultas*, *medicamentos*, e *setor psicossocial*, as quais foram articuladas entre si, a partir das discussões aqui mobilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em campo (Santana Filho; Lourenço, 2023), verificamos que, assim como encontrado por Lopes et al. (2022) nas unidades prisionais da região oeste do estado de São Paulo, alguns internos idosos da PLB relataram possuir patologias crônicas não transmissíveis, dentre as quais se destacam hipertensão (Nelson de 79 anos, Heitor de 64 anos, Pedro de 60 anos, Daniel de 65 anos) e Diabetes (Nelson de 79 anos, Daniel de 65 anos). Além disso, verificamos que, quase

todos os entrevistados relataram já terem se utilizado, pelo menos uma vez, do serviço de saúde fornecido pela unidade. Apenas o interno Rodrigo (63 anos) conta que nunca precisou desse serviço.

Na perspectiva da saúde mental, observamos que dois interlocutores afirmaram que, em decorrência das condições de vida na prisão, desenvolveram problemas como depressão e ansiedade. Davi, de 63 anos, por exemplo, contou que antes de obter a autorização da unidade para exercer trabalho prisional se sentia com depressão. Pedro, de 60 anos, por sua vez, afirmou que depois que entrou na cadeia começou a se sentir muito nervoso, a ponto de ter que tomar medicamentos como Diazepam e Rivotril. Cenário que corrobora com o constatado por Minayo et al. (2017), especialmente no fato de que o espaço prisional brasileiro tem o potencial de produzir adoecimento nas pessoas que são a ele submetidas.

Sobre a avaliação geral dos entrevistados acerca do serviço de saúde, notamos significações relativamente positivas, no sentido de que o acesso à saúde na unidade é bom na medida do possível. Segundo os entrevistados, eles se encontram na posição de *presidiários*, bem como apresentam experiências pretéritas marcadas pela desassistência e dificuldade de obter tratamentos adequados, fatos que contribuem para que signifiquem positivamente o acesso à serviços básicos de saúde dispensado pela PLB. Para fins exemplificativos temos o relato de Nelson, de 79 anos: “[o] serviço de saúde [daqui], relativamente é bom [...]. A gente aqui, de acordo a possibilidade, a gente é atendido”.

Com relação ao fornecimento de medicamentos, os internos relataram que há alguns fármacos determinados que são dispensados pela própria unidade. Afirmaram ainda, que, em no que se refere aos medicamentos que não são fornecidos, os médicos emitem as respectivas receitas, para que os familiares dos internos os comprem e os levem nas visitas. Como consequência, os internos que não recebem visitas acabam ficando desassistidos no que tange a medicamentos que não são abarcados pelo serviço médico da PLB. Por outro lado, mesmo indicando tal limitação, Eduardo, de 68 anos, chega a relatar que avalia o serviço de saúde da unidade como sendo melhor do que o serviço prestado “lá fora”. Ele afirma: “rapaz ... aqui eu acho até melhor, por que lá fora pra você fazer um exame é uma burocracia medonha, tá entendendo?” Nesse sentido, Pedro, de 60 anos, conta: “[aqui] tem médico, tem dentista ... coisa que eu fiz aqui na cadeia ... de dentista, lá fora nunca fiz ... nunca fiz nada que eu fiz [aqui]”. Relatos esses que, a priori, podem parecer ambíguos e dissonantes com a literatura sobre saúde nas prisões (Minayo, et al., 2017). No entanto, encontram sentido quando levamos em consideração as referências anteriores de acesso a saúde dos interlocutores. O *dispositivo punitivo* (Foucault, 1999) persegue e aprofunda vulnerabilidades preexistentes, não sendo

diferente com os internos idosos (Santana Filho; Lourenço, 2023). Assim, o fato de se ter médicos, dentistas, psicólogos e assistentes sociais realizando atendimentos no interior da instituição em que eles se encontram, pode significar uma maior proximidade com o Sistema Único de Saúde em comparação com as experiências vivenciadas em trajetórias pretéritas permeadas por privações e desassistências ao longo da vida (Santana Filho; Lourenço, 2023).

Em contraponto, Davi, de 63 anos, fala que o “atendimento vip” de saúde lá fora não tem como ser comparado com o serviço de saúde fornecido pela unidade. Em resumo, ele menciona – além da já referida limitação de acesso a medicamentos – a baixa oferta de dias destinados às consultas frente ao número considerável de internos que demandam tais serviços. Nessa mesma linha, Roberto, de 61 anos, ao ser questionado como são os atendimentos médicos, ele responde: “é só mesmo pra aliviar, né? Não é uma coisa ... firme, como se tivesse lá fora [...]. Aqui é um negócio rápido, né?”. Nelson, de 79 anos, acrescenta ainda a impossibilidade de acessar, na PLB, serviços de atenção especializada à saúde, como fisioterapia e obtenção de aparelho auditivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que precisamos ir além da mera constatação de que o ambiente prisional é insalubre, eis que os relatos dos interlocutores demonstraram uma complexidade de percepções, com ambiguidades e dinâmicas próprias. Portanto, concluímos que a atenção especializada aos idosos precisa ser incluída nas políticas de saúde prisional. Além disso, durante a implementação dessas políticas se faz necessário que se levem em consideração os anseios, expectativas e dificuldades relatadas pelos próprios destinatários dessas políticas: as pessoas idosas encarceradas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Departamento Penitenciário Nacional. *Relatórios Analíticos Nacionais do Levantamento de Informações Penitenciárias - INFOPEN*. Última atualização em dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/depen>. Acesso em: 21 mai. 2023.

BRASIL, Secretaria Nacional de Políticas Penais. *Relatório de Informações Penais: 16º ciclo SISDEPEN, 1º semestre de 2024*. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-1- semestre-de-2024.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução de Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis, Vozes: 1999.

GHIGGI, Marina Portella. *Vulnerabilidade etária no cárcere: ausência de reconhecimento do idoso nas políticas públicas penitenciárias brasileiras*. Tese (Doutorado em Política Social e Direitos Humanos) – Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2019.

LOPES, Alessandra M., et al. Idosos privados de liberdade: perfil de saúde e criminal. *Revista Kairós-Gerontologia*, 25(1), 73-91. ISSNprint 1516-2567. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PUC-SP.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; CONSTANTINO, Patricia; BEZERRA, Claudia de Magalhães. Relações entre violência e saúde na população encarcerada. In: *Novas e velhas faces da violência no século XXI: visão da literatura brasileira do campo da saúde*. 2017. p. 445-459.

SANTANA FILHO, Hosanah Pereira de; LOURENÇO, Luiz Claudio. “Eu poderia estar lá fora, vivendo a minha vida”: as dores do encarceramento a partir da perspectiva de idosos encarcerados em uma penitenciária brasileira. Juiz de Fora, *Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://www.prisoes2023.sinteseeventos.com.br/site/capa>. Acesso em 26 nov. 2024.